

Experiência Online: Curso de Criação de Vídeos para Docentes da Educação Básica: uma Reflexão Sobre a Prática¹

Huli de Paula Balász²

Larissa Lopes Mussolini³

Rozane da Silveira Alves⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Este trabalho relata a experiência das autoras com a primeira turma do curso de criação/edição de vídeos a distância ministrado através do Programa de Extensão Rede Colabora da Universidade Federal de Pelotas (RS). O curso foi oferecido a docentes de Educação Básica da rede pública do sul do Rio Grande do Sul e divulgado pela Secretaria Municipal de Educação e Coordenadoria Estadual de Educação-RS e ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2015. Dos 57 professores inscritos inicialmente, somente oito concluíram o curso. Embora o índice de evasão tenha sido elevado, os concluintes indicaram na avaliação final que a formação online é uma boa alternativa para os docentes que não têm disponibilidade de tempo para frequentar cursos presenciais.

PALAVRAS-CHAVE: curso de vídeos; educação a distância; educação básica.

INTRODUÇÃO

O Programa de Extensão Rede Colabora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi criado com o objetivo de auxiliar na formação de professores da rede pública da educação básica da região sul do Rio Grande do Sul para o uso de tecnologias no ensino. Inicialmente foram selecionadas dez escolas, em que um ou mais de seus professores tivessem vínculo com a UFPel:

¹ Trabalho apresentado na DT 06- Interface Comunicacionais, da Intercom Júnior –, evento componente do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduanda do curso de Cinema e Audiovisual/UFPel, huli.balasz7@gmail.com

³ Graduanda do curso de Cinema e Animação/UFPel, larissa_mussolini@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação do Departamento de Educação Matemática /UFPel, rsalvex@gmail.com

como alunos de pós-graduação, participantes de projetos de pesquisa e/ou extensão e tutores da educação a distância. (ALVES; BALÁSZ, 2015).

Depois de algum tempo constatou-se que a estratégia de fazer contato somente com dez escolas estava limitando o programa e optou-se por divulgá-lo junto à Secretaria Municipal de Educação de Pelotas e também pela Coordenadoria estadual de Educação do RS, possibilitando que qualquer professor da Educação Básica, desde que vinculado a alguma escola pública, pudesse vir a participar.

Em 2015, iniciou a primeira turma do curso de criação/edição de vídeos com 50 vagas. O curso foi oferecido a distância através da plataforma de aprendizagem *Moodle*.

O CURSO DE CRIAÇÃO DE VÍDEOS

A primeira turma do curso teve início em novembro de 2015 e finalizou em dezembro do mesmo ano, totalizando 2 meses de curso. Toda segunda-feira era disponibilizado o conteúdo da semana constituído de 2 aulas com conteúdo teórico, exemplos e tarefas.

O participante do curso tinha um prazo de sete dias, ou seja, até a segunda-feira seguinte para assistir o material e realizar as tarefas solicitadas. As tarefas foram organizadas de forma que possibilitassem às professoras/tutoras do curso enviar comentários sobre os trabalhos realizados aos alunos (professores da educação básica), sugerindo mudanças e/ou correções e atribuindo uma nota.

Ao final do curso foi solicitado aos alunos a criação e edição de um vídeo sobre sua escola ou outro assunto de interesse. Posteriormente, esses vídeos foram disponibilizados no ambiente do curso para que todos pudessem assistir os vídeos dos colegas.

Durante o curso foi criado um fórum de discussão para que todas as dúvidas, sugestões e comentários fossem publicadas pelos alunos, compartilhando-as não somente com as professoras/tutoras, mas, também, entre os alunos.

Por vezes, no decorrer do curso, algum estudante postava uma pergunta no fórum de dúvidas e antes mesmo que as professoras/tutoras tivessem acesso, a mesma era respondida por algum colega que já sabia resolvê-la, ou, por ter passado por uma experiência semelhante ao

desenvolver sua tarefa, teve de pesquisar uma solução e obtendo-a, então, veio a compartilhá-la. Esse tipo de ocorrência enriqueceu o curso pois, assim, os alunos passaram também a interagir entre eles. Isso conseqüentemente aumentou a autonomia do aluno no curso e na realização de suas tarefas e pesquisas, pois como indica Moran, Masseto e Behrens (2014),

ver o professor como parceiro idôneo de aprendizagem é mais fácil, porque esse padrão está mais próximo do tradicional, mas ver seus colegas como colaboradores para seu crescimento significa uma mudança importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem. Essas interações (aluno-professor-aluno) conferem um pleno sentido à corresponsabilidade no processo de aprendizagem (pág. 150).

Moran (2012) também enfatiza a importância dos alunos participarem dos fóruns na modalidade de Educação a distância, ao afirmar que:

as contribuições dos alunos em fóruns também são excelentes para avaliação. Os fóruns e as listas de discussão são instrumentos importantes de aprendizagem coletiva. Alguns alunos trazem questões e respostas que enriquecem muito o debate, e, por isso, devem ser valorizadas. Há também os que escrevem muito e contribuem pouco e os que praticamente não se expõem, que ficam mais como olheiro. (MORAN, 2012, p. 122)

Todas as tarefas submetidas pelos alunos eram comentadas pelas professoras/orientadoras além de serem avaliadas com uma nota simbólica que variava entre 8.5 e 10.00 (dependendo da execução do exercício). Algumas vezes era preciso informar itens que teriam faltado na tarefa, alguma execução indevida ou até mesmo um possível esquecimento de algum procedimento da atividade. Quando a tarefa estava perfeitamente realizada, ainda assim era feito um comentário a fim de incentivar o aluno a continuar seus estudos e parabenizá-lo pelo feito.

Foi necessário que as professoras-tutora estivessem em constante processo de aprendizagem, abertas às novas tecnologias e formas de propor e resolver atividades. Por exemplo, quando um aluno apresentava dificuldade em realizar determinada tarefa, este encaminhava um e-mail ou informava esta dificuldade no fórum de dúvidas. Em algumas dessas situações as

professoras/tutoras precisariam "reproduzir o impedimento" em seus computadores para entender o que houve no exercício do aluno, e dessa forma, poder ajudá-lo. Às vezes não era possível simular a mesma dificuldade, então, nestes casos, eram feitas pesquisas na internet para que assim, fosse possível detectar o impedimento e orientar o aluno como proceder.

Este envolvimento dos professores que atuam a distância é citado por Moran (2012):

Com o desenvolvimento da cultura digital, que molda nossa forma de pensar e raciocinar, com o incentivo a cursos a distância, a divulgação e a ampliação dessa modalidade, a educação se vê totalmente envolvida por essa cultura, presente nas escolas, nas universidades, nas aulas, por meio dos programas das disciplinas e das atividades didáticas. Este cenário envolve totalmente o professor em sua função docente, colocando-o na contingência de conhecer os novos recursos tecnológicos, adaptar-se a eles, usá-los e compreendê-los em prol de um processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador para seus alunos. (p.143)

Após o término do curso, refletindo sobre o processo de trabalho com alunos a distância, percebemos que, além de ter orientado como eliminar o erro, poderíamos ter orientado o aluno a buscar respostas na internet, (sendo por meio de um comentário em sua tarefa indicando-lhe os passos para a obtenção da pesquisa ou até mesmo com uma nova vídeoaula exibindo as formas de pesquisas no *Google*, por exemplo, o que seria de grande utilidade também para os demais alunos do curso). Assim, teríamos incentivado a autonomia do aluno, disponibilizando materiais para leitura individual e realização de atividades programadas "combinando o papel de orientador com o de mediador e o de contextualizador". (MORAN, 2012 p. 139)

Este incentivo é entendido por Chikering e Ehrmann (1999) como “encorajar a aprendizagem colaborativa”.

Para Moran, Masetto e Behrens (2014), encorajar a aprendizagem colaborativa é um dos princípios pelo qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem contribuir para o avanço de procedimentos:

A facilidade da tecnologia da informação proporciona aos alunos acesso a uma quantidade imensurável de informação dentro e fora da universidade. Os alunos como internautas podem acessar as informações disponíveis na rede. Os bancos de

dados, os sistemas especializados, os programas educativos e os recursos de multimídia proporcionam informações e experiências que podem complementar, enriquecer, instigar os processos de aprendizagem. A necessidade de entreaajuda e a maneira colaborativa podem desenvolver autonomia, espírito crítico e atitude de trabalho coletivo. (MORAN; MASETTO e BEHRENS, 2014 p. 108).

Palloff e Pratt em seu livro *O aluno virtual*, indica o *feedback* contínuo como uma forma de desenvolver a mediação e a orientação e também incentivar a autodescoberta e a autonomia do aluno (PALLOFF apud MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2014, p.145)

O curso de criação/edição de vídeos a distância foi executado por meio da plataforma de aprendizagem *Moodle* recebeu um montante de 57 inscrições, porém apenas oito alunos concluíram o curso, portanto com uma taxa de evasão de 89%.

Para a fundamentação da problemática de evasão no curso de edição de vídeo a distância abordaremos os conceitos de evasão e persistência. O termo evasão refere-se ao abandono definitivo do aluno em algum e qualquer momento do curso, sem o cumprimento de todos os requisitos estabelecidos, não iniciando ou concluindo o curso (ALMEIDA, 2008).

Um termo relacionado com a evasão é a persistência, que remete ao período indefinido de permanência e continuidade no curso, havendo concluído ou não. (ALMEIDA et al., 2013). Portanto, existem dois tipos de alunos evadidos: os alunos evadidos não persistentes (aqueles que fizeram a inscrição e não iniciaram o curso); e alunos evadidos persistentes (iniciaram o curso e o abandonaram em algum momento).

Por outro lado, ao levar em conta a denominação de aluno evadido persistente (daqueles que iniciaram o curso), podemos considerar apenas 40% como taxa de evasão, uma vez que cerca de 20 alunos deram início a pelo menos uma aula do curso.

A evasão em cursos a distância é uma ocorrência frequente e tida como um dos maiores obstáculos da Educação a Distância (EAD), conforme afirmado em diferentes artigos e estudos (E.M. Dos Santos et al. 2008). As causas em sua maioria são semelhantes, entre as principais estão a falta de tempo do aluno para estudar e participar do curso, o acúmulo de atividades no trabalho e dificuldades de se adaptar à metodologia conforme aponta o censo EAD da Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância).

O curso iniciou com 57 inscritos. Logo nas primeiras aulas, percebeu-se que apenas 24 destes haviam realizado as tarefas. Já na metade do curso, esse número foi diminuindo até que se chegou em uma média de 20 alunos presentes nas aulas. O curso terminou com uma média de 12 alunos ativos, alternando-se entre eles. Portanto, como o curso exigia realização mínima de 70% das tarefas para certificação, tendo sido esse o caráter avaliatório do mesmo, apenas 8 alunos conseguiram aprovação com direito a certificado de conclusão do curso.

Segundo indicação dos alunos em avaliação realizada após o término do curso, a evasão ocorreu devido à época do ano. De acordo com a maioria dos que não concluíram o curso, os últimos meses do ano são um dos mais difíceis para conciliar as demandas extras às das escolas em que lecionam.

Questionados sobre as dificuldades para acompanhar o curso, algumas das respostas foram:

Minhas dificuldades foram em relação ao tempo, pois às vezes não conseguia me organizar e atrasava algumas tarefas (professor - 22).

A não participação no curso foi em função do momento conturbado na rede estadual, as incertezas que estamos passando e a demanda de trabalho que tivemos no ano de 2015. Fiquei com pesar de não ter conseguido realizar o curso e espero ter outra oportunidade (professor - 20).

O motivo pelo qual me fez desistir do curso foi falta de tempo para a conclusão do mesmo devido o período de final do ano (professor - 2).

Embora não citado, consideramos que um dos possíveis motivos pela evasão deve-se ao fato de que os professores ainda não possuem o hábito de utilizar o meio digital em suas pesquisas e ensino. Portanto, participar de um curso que ocorreu integralmente a distancia foi um desafio de muitos alunos.

Por outro lado, os alunos que concluíram o curso indicaram na avaliação final que a formação *online* é uma boa alternativa para os docentes que não têm disponibilidade de tempo para frequentar cursos que demandam tempo com deslocamento e aulas presenciais. Eles citaram como pontos positivos do curso os vídeos-tutoriais apresentados:

O curso foi maravilhoso, pois foi prático e bem explicativo, oportunizando condições para que realizássemos o trabalho de forma eficaz (professor - 8).

Fácil entendimento, muito bem explicado os conteúdos e atividades. A atenção dos tutores também foi muito boa, fundamental para o aprendizado (professor - 50).

Infelizmente não conseguimos realizar nesta primeira turma um contato mais próximo através de visitas nas escolas ou *web* conferências, o que poderia auxiliar na permanência do aluno no curso, já que ainda existe necessidade de certa “presencialidade” no ensino.

De acordo com Moran, Masetto e Behrens (2014), estão entre as mudanças perceptíveis na educação a distância, maior “presencialidade” digital audiovisual seja ao vivo, como em teleaula, ou em gravação em webaula. Os modelos de educação a distância mais aprovados pelos estudantes são aqueles que mostram mais a figura do professor, criam vínculos com a sua imagem e a sua palavra. (p. 64).

No entanto, “é fundamental que o aluno não só domine as ferramentas tecnológicas, mas que se disponha a fazer uso delas e a tolerar alguns aspectos inerentes à EaD, tal como a típica limitação dos processos de interação professor-aluno e aluno-aluno (PALLOFF & PRATT, 2004 apud ALMEIDA ET AL., 2013)

Como mencionado, muitos dos inscritos nem chegaram a dar início ao curso. Em um dos casos, a diretora da escola havia feito a inscrição de um grupo de professores mas não chegou a comentar com eles a respeito. Neste caso, por exemplo, fica nítida a falha na comunicação entre os educadores da referida escola.

Durante o curso foram enviados *e-mails* aos diferentes grupos de alunos inscritos no curso: os que não haviam comparecido em nenhuma aula ou sequer comunicado, alunos que fizeram apenas as primeiras aulas sem justificar o abandono e alunos regulares no curso. Para os primeiros eram enviadas mensagens perguntando sobre o aluno e sua inscrição, para os segundos, perguntando sobre as ausências, enfatizando a disponibilidade em ajudá-los e lembrando-os das próximas aulas e porcentagem necessária para certificação, e para os alunos regulares eram enviadas mensagens motivando-as a continuar e lembretes de próximas tarefas e projeto final.

No final do curso, quando foi percebido que muitos dos alunos não conseguiriam o certificado de conclusão por ter faltado a pouquíssimas aulas que ultrapassavam o limite de 30 % de ausência no curso, foi estipulado um prazo extra para que entregassem parte das tarefas não realizadas.

De acordo com Palloff e Pratt (2002), para suavizar os métodos excessivamente “conteudistas” e tornar o foco verdadeiramente no aluno, ou seja, mais na aprendizagem e na facilitação à aquisição do conhecimento do que no ensino, o professor deve possuir algumas características para lidar com o aluno *online*: flexibilidade; disposição para aprender com os alunos e com os outros; disposição para ceder o controle aos alunos tanto na elaboração do curso quanto no processo de aprendizagem; disposição para colaborar (trabalhar em conjunto) e disposição para afastar-se do papel tradicional de professor.

Além de conferir flexibilidade ao curso, tal prazo extra considerou e respeitou diferentes ritmos de alunos que acabaram se complicando devido às conturbações de fim de ano letivo. Também foi levado em conta o comprometimento que tais alunos tiveram no decorrer do curso, principalmente do início ao meio deste, tendo feito a maior parte das tarefas e apresentado suas dúvidas e comentários quanto às atividades. Tal possibilidade ajudou alguns dos participantes a recuperarem as pouquíssimas aulas não realizadas que os impediriam de concluir o curso. Vale a pena ressaltar a importância que alguns autores dão a tal flexibilidade no que diz respeito às avaliações na educação a distância.

Um deles é Moran (2012):

Atuei muitos anos em cursos de comunicação, o que me trouxe muitas contribuições para a avaliação. Constatei que negociando com os alunos os ajudava mais do que trazendo uma única proposta acabada e pronta para todos. A atitude dos alunos muda quando, dentro de alguns parâmetros delineados pelo professor, podem surgir atividades, formas de realização e de apresentação. Se o importante é que o aluno aprenda, quanto mais eu me aproximar dele para ajudá-lo a aprender, melhor. Como a avaliação faz parte da aprendizagem, a *avaliação também pode ser combinada, negociada, personalizada*. E os cursos semi-presenciais se prestam muito bem a essa flexibilidade. No ambiente virtual, o professor pode atuar com orientador de pesquisa, de projetos, como consultor, ritando duvidas, dando sugestões. Por isso, pode personalizar e tornar mais flexível o processo de avaliação. (p. 120)

ALGUNS RESULTADOS

A fim de colocar em prática os conteúdos estudados no curso, foi solicitado no final do curso que os professores (alunos do curso de vídeo) realizassem um vídeo de 3 a 10 minutos com temática livre. Foi sugerido que trabalhassem com assuntos relacionados às respectivas escolas, tais como atividades em aula com os alunos, projetos, comemoração, ou até mesmo apresentação da escola ou dos alunos, professores e/ou funcionários de maneira criativa. A forma do vídeo também pôde ser escolhida conforme a preferência de cada um.

Neste projeto os alunos puderam relembrar e praticar as etapas comentadas e aprendidas durante o curso: captação do material, edição das fotos, edição dos vídeos, e edição do áudio do vídeo, embora muitos deles não tenham se utilizado de todo conteúdo apresentado.

Os vídeos feitos pelos oito alunos se pautaram sobre as seguintes temáticas: Projeto Pomervida: Língua Pomerana em São Lourenço do Sul- RS, Escola Nossa Senhora de Lourdes de Pelotas- RS, O gatinho de estimação, O Prazer de amar uma filha, Mensagem de vida, São Lourenço do Sul, cidade de todas as paisagens, Domingo de Sol em São Lourenço do Sul e Projeto Consciência ambiental, Pelotas- RS.

Alguns professores adotaram a sugestão de trabalharem com tema relacionado às escolas e outros abordaram conteúdos sobre suas cidades ou família. Analisando a relevância dos vídeos, foi discutido entre as bolsistas e coordenadora do curso, que para as próximas turmas será pedido que os alunos realizem vídeos de temática exclusivamente educacional, já que a mesma apresenta por si só cunho de maior interesse sócio-educacional.

A formação em TIC desses professores é importante pois ao terem acesso e dominarem as tecnologias, torna-se possível que estes repassem tal conteúdo a seus alunos, permitindo que os estudantes não apenas assistam os materiais audiovisuais como também os produzam, fomentando, assim, o aprendizado lúdico e inserido no contexto da nova era digital.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2013) criar vídeos é motivador para os alunos:

Os jovens adoram fazer vídeo, e as escolas precisa incentivar ao máximo a produção de pesquisas em vídeos pelos alunos. A produção em vídeo tem uma

dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo, que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes, tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos, e colocá-los em lugares visíveis na escola e em horários predefinidos para que muitas crianças possam vê-los. (p. 48 à 49).

PERSPECTIVAS FUTURAS E NOVAS ESTRATÉGIAS

Nova turma deste curso está prevista. Espera-se um número de inscrição ainda maior que o do ano passado e, agora, como as novas estratégias, um número de permanência maior no curso por conta da época do ano em que o mesmo será oferecido. Desta vez, os depoimentos e vídeos feitos pelos alunos da primeira turma podem ser usados também como material de divulgação. Além disso, os alunos que concluíram o curso e que afirmaram ter tido uma experiência positiva poderão divulgar para seus colegas de trabalho e incentivá-los a participar.

Tendo em vista os estudos e observações que ocorreram na experiência com a primeira turma, algumas mudanças estão sendo pensadas para a continuidade do curso. Algumas delas seriam pequenos ajustes referente às tarefas sugeridas aos alunos. Por exemplo, em uma tarefa em que era pedido para que o aluno selecionasse uma foto para alterar seu fundo a partir de uma outra, ficava a cargo dele escolher as duas fotos a serem trabalhadas e submeter para avaliação as três fotos: originais e a editada por ele. Tal abertura gerava certa complicação na tarefa pois alguns alunos acabavam selecionando arquivos pouco adequados ao exercício, tais como de qualidade baixa ou com dimensões muito diferentes um do outro, o que comprometia o resultado final da tarefa ou até mesmo sua perfeita conclusão.

Para a segunda turma do curso, em atividades como essa foi acordado que será disponibilizado o material (foto) a partir do qual o aluno realizará o trabalho. Isso padronizará os exercícios deixando-os mais práticos para o aluno na hora de executar a tarefa, uma vez que, estará concentrado estritamente na técnica de edição e conseqüentemente tornará a correção dos exercícios mais hábil. Apesar de se tratar de um detalhe na confecção das tarefas do curso, essa é uma

alteração importante considerando que muitas das tarefas acabaram sobrecaindo em problemáticas parecidas, como exemplo: alteração da cor de uma foto, dimensão, formato ou alteração de um arquivo de música ou vídeo de um projeto.

Também está sendo analisada a possibilidade de aprimorar o curso com a implantação de um horário reservado para o programa de videoconferência, via *Skype*, por exemplo, visando possibilitar a comunicação em tempo real entre aluno-professora/tutora e aluno-aluno para esclarecimento de dúvidas. Espera-se que tal contato pode vir a aproximar o aluno à prática, assegurando o devido início dos inscitos e por conseguinte, sua permanência no curso.

Com o avanço da banda larga, os chats estão se tornando *videochats*, com possibilidade de o professor e uma parte dos alunos verem-se, ouvirem-se e comunicarem-se por escrito. Programas de *webconference* como o *Breeze* da Macromedia e outros semelhantes possibilitam comunicação em tempo real mais rica, interativa e gerenciada, com inúmeras vantagens para a troca de informações, a apresentação de trabalhos a distancia e as discussões virtuais, o que pode ser extremamente útil para novas formas de avaliação *on-line*. [...] As ferramentas de comunicação virtual até agora são predominantemente escritas, mas caminham para serem audiovisuais. Por enquanto, escrevemos mensagens, respostas, simulamos uma comunicação falada. Esses chats e fóruns permitem contatos a distancia, podem ser úteis, mas não podemos esperar que só assim aconteça uma grande revolução, automaticamente. Depende muito do professor, do grupo, de sua maturidade, sua motivação, do tempo disponível, da facilidade de acesso. Por isso, é importante experimentar uma nova metodologia da educação *on-line*, desenvolvendo atividades, pesquisas e projetos, formas de comunicação integrados e complementares nos ambientes presenciais e virtuais. (MORAN, 2012, p. 122 e 123)

CONCLUSÃO

A experiência de conduzir um curso a distância para professores das escolas básicas da rede pública de Pelotas e região foi altamente enriquecedora para a equipe do Programa de Extensão Rede Colabora. Era recompensador observar a capacidade de assimilação e criação dos alunos a partir de uma pequena demonstração de possibilidades técnicas dos softwares trabalhados. Tendo sido este o primeiro curso a distância a ser ministrado pelas orientadoras, nos sentimos gratas em poder presenciar os resultados “concretos” de tal esforço em conceber e executar o curso. Os vídeos

finais que foram apresentados pelos alunos professores, mesmo que ainda oito deles, ajudam-nos a perceber os frutos, ainda iniciais, de um trabalho de criação e execução de um curso, teoricamente, virtual. Além disso, ter a possibilidade de pesquisar e escrever sobre o assunto após sua realização complementa tal experiência com dados já analisados por educadores e pesquisadores da área. Tais dados nos fazem constatar muito daquilo vivenciado na prática e nos ensina a pensar em diferentes estratégias para o futuro e diferentes formas de se pensar o compartilhamento do saber nos dias de hoje.

Fica nítido a partir de pesquisas feitas até o presente momento que a EAD vem a cada ano ocupando um novo patamar na educação brasileira. O que antes era rejeitado e visto até com certo preconceito, hoje já é tido como promissor e prelúdio de novos tempos.

Quanto a evasão, compreendemos que nos dias atuais, trata-se de um fenômeno relativamente comum e que ainda vai levar alguns anos para ir tendo suas taxas decrescidas.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades referentes principalmente à evasão dos alunos do curso, é gratificante poder aprender e contribuir com a difusão do conhecimento comunicacional e tecnológico para os professores da rede pública e participar da história de uma conquista que vem sendo a educação em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Onília Cristina de Souza de et al . **Evasão em cursos a distância: fatores influenciadores**. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo , v. 14, n. 1, p. 19-33, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2016.

ALMEIDA, Onília Cristina de Souza de. **EVASÃO EM CURSOS A DISTÂNCIA: ANÁLISE DOS MOTIVOS DE DESISTÊNCIA**. Maio/2008. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008112738pm.pdf> , acessos 15 abr. 2016.

ALVES, R. S.; BALÁSZ, H. P.. **Elaboração e Execução de Projeto de Ensino em Tecnologia para Professores da Educação Básica Brasileira**. Anais do Congresso Internacional do Conhecimento,

Santiago, Chile, 2015. [Disponível em:

<http://www.internacionaldelconocimiento.org/index.php/resumenes-aprobados/item/854-simposio-n-3-a-educacion-y-nuevas-tecnologias>. Acesso em 13 de abril de 2016.].

CHIKERING, Arthur W. e EHRMANN, Stephen(1999). *Implementing the seven principles : Technology as lever*. [Disponível em <http://www.tltgroup.org/programs/seven>, acesso em 18 de abril de 2016.].

Censo EAD.BR: **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2014**. Disponível em http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf , acessos em 15 abr. 2016

DOS SANTOS, Elaine Maria et al . **EVASÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: IDENTIFICANDO CAUSAS E PROPONDO ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO**, São Paulo, maio 2008 . Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200845607PM.pdf> , acessos em 15 abr. 2016.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed.- Campinas- Sp; Papyrus. 2012. 174 p.

MORAN, José Manuel; MASETTO, T. Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. (2013) 21ª Edição revista e atualizada. Campinas,SP. Papyrus, 2014. 171p. Obs.: A primeira data (2013), refere-se a data da 1ª edição a segunda (2014) refere-se à edição consultada.

PALLOFF, R. M. e PRATT, K. (2004) **O aluno virtual: Um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed. [Disponível parcialmente em:<https://books.google.com.br/books?id=GiL3LNwrkQoC&printsec=frontcover&dq=o%20aluno%20virtual%20de%20pallloff%20e%20pratt%202004&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiIjry6uJzMAhVIgJAKHdfbA0QQ6AEIHDA#v=onepage&q&f=false> . Acesso em 20 de abril de 2016.].